

HIGINO, UM MITÓGRAFO LATINO EM TRADUÇÃO

I. O MITO DE EUROPA

Se há assunto que tem dominado a reflexão científica, em termos de literatura, política ou economia, esse assunto é claramente a construção europeia e a consolidação da própria noção de Europa. A própria UI&D – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra dedicou, recentemente, especial atenção a este assunto, tendo já realizado três ciclos de conferências intituladas *Génese e Consolidação da Ideia de Europa*, respectivamente dedicadas à Antiguidade Grega (de Homero ao fim da época clássica), ao período helenístico e ao mundo romano.

Nos volumes já publicados destas conferências¹ pode ler-se uma série de estudos sobre os contributos da Antiguidade, aos mais diversos níveis, para a construção da noção espacial, geográfica e cultural do que viria a ser considerado a Europa, na acepção que actualmente damos ao termo. Talvez porque de pouco valor literário – e é esse o único senão dos textos de Higino – em parte alguma é referida a curta fábula que este autor dedicou à figura mitológica com esse nome, Europa, filha de Agenor, a famosa mulher por quem Zeus se apaixonou e pela qual se transformou em touro para a raptar.

No cumprimento dos propósitos do grupo de tradução encarregue da versão completa das *Fabulae* de Higino, a apresentação periódica de textos acompanhados de tradução e comentário no BEC, recorreremos a Europa num primeiro momento, escolha mais que justificada pela pertinência do tema acima exposta. Constitui o texto n.º 178 da edição de H. I. Rose (*Hygini Fabulae*, Leiden, 1963), edição que serve de base a todo o trabalho de tradução do grupo.

¹ Deste ciclo de conferências resultaram já em livro dois volumes de actas: M. C. Fialho, M. F. S. Silva e M. H. Rocha Pereira, coord., *Génese e consolidação da ideia de Europa*. Vol. I: *De Homero ao fim da época clássica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2005 e F. Oliveira, coord., *Génese e consolidação da ideia de Europa*. Vol. III: *O mundo romano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2005.

Texto latino e tradução

EVROPA

Europa Argiopes et Agenoris filia Sidonia. hanc Iuppiter in taurum conuersus a Sidone Cretam transportauit et ex ea procreauit Minoem Sarpedonem Rhadamanthum. 2. huius pater Agenor suos filios misit ut sororem reducerent aut ipsi in suum conspectum non redirent. 3. Phoenix in Africam est profectus, ibique remansit; inde Afri Poeni sunt appellati. Cilix suo nomine Ciliciae nomen indidit. 4. Cadmus cum erraret, Delphos deuenit; ibi responsum accepit ut a pastoribus bouem emeret qui lunae signum in latere haberet, eumque ante se ageret; ubi decubisset, ibi fatum esse eum oppidum condere et ibi regnare. 5. Cadmus sorte audita cum imperata perfecisset et aquam quaereret, ad fontem Castalium uenit, quem draco Martis filius custodiebat. qui cum socios Cadmi interfecisset a Cadmo lapide est interfectus, dentesque eius Minerua monstrante sparsit et arauit, unde Spartoe sunt enati. 6. qui inter se pugnarunt. ex quibus quinque superfuerunt, id est Chthonius Vdaeus Hyperenor Pelorus et Echion. ex boue autem quem secutus fuerat Boeotia est appellata.

Europa

1. Europa, filha de Argíope e Agenor, era natural de Sídon. Júpiter, transformado em touro, levou-a de Sídon para Creta, e dela gerou Minos, Sarpédon e Radamante. 2. Agenor, seu pai, enviou os filhos para trazer de volta a irmã, ou não voltassem eles à sua presença. 3. Fénix partiu para África e aí se fixou; é por isso que os Africanos são chamados Púnicos. Cílice, com o seu nome baptizou a Cilícia. 4. Cadmo, andando errante, chegou a Delfos; aí recebeu um oráculo, segundo o qual devia comprar a uns pastores um boi que tivesse nas costas a marca da lua, e levá-lo consigo; onde o animal caísse por terra, aí estava destinado a fundar uma cidade e a reinar sobre ela. 5. Cadmo, ao escutar o oráculo, cumpriu as suas ordens e, enquanto procurava água, chegou à fonte Castália, guardada por uma serpente, filha de Marte. A serpente matou os seus companheiros e ele, por sua vez, matou-a com uma pedra; seguindo as indicações de Minerva, semeou e arrou os dentes do animal, dos quais nasceram os Espartos. 6. Estes lutaram entre si, e deles sobreviveram cinco, a saber: Ctónio, Udeo, Hiperenor, Peloro e Équion. Do boi que tinha acompanhado Cadmo, recebeu o nome a Beócia.

A tradição mitológica

Num interessantíssimo artigo, a abrir o já referido vol. I das actas sobre Europa,² a professora Maria Helena da Rocha Pereira traça o itinerário do mito entre os autores antigos, procurando encontrar a explicação (que por fim se revela inconclusiva) para o nome dado ao velho continente. Vemos aí como as origens deste mito remontam aos *Poemas Homéricos* onde, por exemplo, se refere a transformação de Zeus em touro para raptar uma donzela, ainda não nomeada, que do deus havia de gerar Minos e Radamante (Il. 14. 321-322).³ Bem assim Hesíodo refere a heroína no *Catálogo das Mulheres* (frr. 140 e 141 Merkelbach-West), aludindo ao rapto e ao transporte da donzela para a ilha de Creta, tal qual podemos ler na abertura do texto de Higino, que em termos de genealogia opta pela apresentação de Europa como filha de Agenor e, por conseguinte, irmã de Cadmo, fundador da casa de Tebas.⁴ A autora apresenta uma série de hipóteses para as origens do nome do continente, referindo a antiguidade da aceção geográfica do termo, atestada primeiramente no *Hino Homérico a Apolo* (250-251), composição datada dos inícios do século VI a.C. Mas acaba com a incerteza que já Heródoto proclamara (4. 45): “Quanto à Europa, ninguém entre os homens sabe se é toda banhada pelo mar, nem de onde tirou o seu nome, nem quem lho pôs.”⁵

Mais importante, para o que nos cabe, do que repetir um estudo já efectuado, é olhar para o texto de Higino e procurar nele as conclusões devidas. Antes de mais, e pelo que foi exposto acerca do mito na Antiguidade, Higino revela um profundo conhecimento da tradição, sendo que os mais antigos textos apontados, de Hesíodo e mesmo de Homero, estão bem patentes no resumo apresentado pelo nosso mitógrafo. A Europa (mulher) que lhe importa é, sem sombra de dúvida, a donzela amada por Zeus, a mesma que este, transformado num belo e atraente touro, raptou e

² “Europa: os enigmas de um nome.” In: M. C. Fialho, M. F. Silva e M. H. Rocha Pereira, coord., *Génese e consolidação da ideia de Europa*. Vol. I: *De Homero ao fim da época clássica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2005, pp. 7-14.

³ Para o inventário das fontes literárias e iconográficas do mito, veja-se o artigo de Martin Robertson in *LIMC* IV, 1 e 2, s.v. ‘Europa’.

⁴ Uma outra figura feminina, com o mesmo nome, é filha de Tétis e Oceano, apresentada por Hesíodo na *Teogonia*, mais propriamente no catálogo das Oceânides (346-366), num total de três mil. Europa, que é outra que não a amada de Zeus, surge no verso 357.

⁵ Tradução de M. H. Rocha Pereira, no artigo citado.

levou para Creta. Mas, de Europa, apenas o primeiro parágrafo do texto nos dá conta. O que se introduz de seguida é, a outro nível, bastante mais revelador.

O rapto desencadeia o resgate da virgem pelos irmãos, segundo as ordens do seu pai Agenor. E é das viagens destes heróis que vão etiologicamente nascer cidades: África, habitada pelos Púnicos (designação derivada de Fénix), Cilícia, baptizada por Cílice e, finalmente, Tebas, a terra dos Cadmeus, a partir do nome de Cadmo, talvez o mais conhecido dos irmãos da heroína. Por fim, a partir do boi perseguido por Cadmo, o mitógrafo explica a designação da terra da Beócia. Explica-se aí a designação dos Cadmeus como os provenientes dos dentes da serpente, semeados por Cadmo segundo o oráculo que lhe fora dado por Apolo. É de resto a etiologia da cidade de Tebas que merece maior atenção, talvez pela forte tradição mitológica que a tragédia lhe granjeou. E disso tinha perfeita consciência Higino, que a esta linhagem dedica inúmeras fábulas.

Como o apresenta Higino, o mito do rapto de Europa é essencialmente um mito da diáspora. Creta, Beócia e Tebas são regiões banhadas pelo Mar Egeu, daí que pareça fácil a dedução de que, para o mitógrafo, a designação do continente tenha a sua origem na figura mitológica com o mesmo nome. Clara estaria, na sua mente, a acepção geográfica do termo, que vimos ser já uma realidade no século VI a.C.

Parece assim razoável concluir que, no século II da nossa era, Higino tinha já dissipado na sua mente a grande dúvida de Heródoto que acima formulámos. Num texto essencialmente descritivo, como é a fábula que aqui nos deteve, percebe-se um aturado estudo das fontes literárias mais antigas, que se perdem nos primórdios da literatura grega.

Tópicos de exploração didáctica

É também objectivo do grupo que de momento prepara a tradução das *Fabulae* de Higino demonstrar, com estas publicações periódicas, a valência didáctico-pedagógica das mesmas. Pelo acessível nível de língua que apresentam, consequência do estado em que o texto nos chegou, apenas por resumos que do original foram tardiamente elaborados, é nossa convicção que ele se oferece ideal para um nível intermédio da aprendizagem do latim, no Ensino Secundário (11º ano), ou para um grau inicial no Ensino Superior.

Como percurso didáctico, sugerimos a exploração gramatical dos seguintes tópicos:

Sintaxe:

- sintaxe do verbo *mitto*, -is, -ere, *misi*, *missum* ‘enviar’ (*Agenor suos filios misit ut sororem reducerent*);
- oração subordinada completiva final (*ut sororem reducerent; ut a pastoribus bouem emeret*);
- oração subordinada temporal causal (*cum erraret*);
- oração subordinada relativa (*qui lunae signum in latere haberet; quem draco Martis filius custodiebat*);
- oração subordinada completiva infinitiva (*fatum esse eum oppidum condere et ibi regnare*);
- complemento circunstancial de lugar ‘para onde’: formação regular (*ad fontem Castalium uenit*) e com nomes de cidades ou ilhas pequenas (*Cretam*).

Morfologia:

- nomes próprios de origem grega: sua declinação e tradução;
- pretérito imperfeito e perfeito do conjuntivo;
- verbos compostos (*interficio*, *superest*).

Por fim, pensamos que o texto é ainda adequado para, a um nível mais avançado da aprendizagem da língua latina, treinar a leitura em género de recitação, bem como a tradução imediata e sem recurso ao dicionário, actividade de eleição para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

CARLOS A. MARTINS DE JESUS